

TROCAR DEUS PELO MACACO FOI DECIDIDAMENTE PÉSSIMO NEGÓCIO

Jean-Marie Lambert¹

O imaginário UNESCO é complexo. Não nasceu da noite para o dia. Cada lado do poliedro ideológico tem genealogia própria. Toda faceta é uma descoberta. Mas a paixão darwinista representa talvez o lado mais pitoresco, porque é quase uma história de família.

Thomas Huxley ² nasceu na Inglaterra de pais anglicanos em 1825 e cresceu num ambiente religioso, mas não demorou a desenvolver um ceticismo filosófico extremo que batizou com o então neologismo de agnosticismo. Biólogo bem sucedido, escritor e debatedor de primeira, era homem cultíssimo, muito inteligente e particularmente persuasivo que sabia como ninguém defender uma ideia. Tê-lo como aliado para vender uma teoria, portanto, era bom negócio. Especialmente para quem carecia de talento para tanto (DESMOND, 1999).

Darwin, justamente, não era dos mais eloquentes. E suas convicções também não eram muito atraentes. Dizer-se primo de macaco é coisa que não ofende. Mas – zoológico à parte – convencer os outros a comprar o conto para uso próprio é um tanto complicado. Quando muito conseguia uma adesão do tipo “você talvez, mas eu não” com sorriso polido e despedida para sempre (VAN WYHE, 2008). No entanto, Huxley haveria de entrar no mérito para mudar a fortuna da tese.

O evolucionismo caía bem para um homem que jurara livrar a escola de sermão e religião. Isso – dizia ele – passaria por uma reforma na formação do corpo docente e pela substituição da teologia por matérias de ciência natural (DESMOND, 1999). Mas, mal imaginava a escala em que o desejo ia realizar-se quando revezado pela UNESCO um século mais tarde. E dizer que esta recebeu a matriz filosófica como herança do Thomas Huxley é apenas exagero, porque seu neto Julian ³ é que acabou emergindo das conferências diplomáticas do pós-Segunda Guerra como primeiro diretor da Organização

¹ Pós-doutor em Ciências da Religião (Finanças Islâmicas) (PUC/GO), doutor em Relações Internacionais (Universidade de Liège, Bélgica), mestre em Direito Internacional (Universidade de Bruxelas) e graduado em Ciências Econômicas (Universidade de Heidelberg, Alemanha, e em Direito (PUC/GO). E-mail: lambert.puc-goias@hotmail.com.

² Veja Tomas Huxley. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Henry_Huxley>. Acesso em: 10 out. 2018. NB: não confundir com o neto Aldous Huxley, autor do livre *The Brave New World*.

³ Veja Julian Huxley. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Julian_Huxley>. Acesso em: 10 out. 2018. NB: não confundir com o irmão Aldous Huxley, autor do livre *The Brave New World*.

das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura! Logo, por capricho do destino, o guri que o avô mimou no colo foi quem se encarregou como um bom menino de levar as conversas de família para o mundo.

Darwin, Thomas, Julian ... e a UNESCO virou uma máquina de empanturrar cabecinhas com estórias de chimpanzé melhorado cursando faculdade e de dinossauro virando passarinho. A “ciência natural” entrou e Deus saiu como Huxley planejara no século XIX. Devagar. Quase imperceptivelmente em tempo real. Porém com resultado evidente numa perspectiva de 70 anos.

É de se notar que a UNESCO era originalmente para ser UNECO. As negociações iniciais limitavam o papel da Organização a *Education* e *Culture*. Mas Julian Huxley insistiu para acrescentar *Science*, de maneira a acomodar as crenças de casa no *Evolutionary Scientific Humanism* ⁴ que idealizava.

A cosmovisão da UNESCO” – dizia ele – “deve fundamentar-se em algum tipo de humanismo [...] um humanismo mundial [...] científico onde a ciência forneça o fundamento de toda a cultura [...] baseado nos fatos estabelecidos da adaptação biológica [...] da seleção darwiniana [...] revezada no plano cultural e psicossocial [...] e levando a um progresso contínuo [...] Assim, a filosofia da UNESCO deve ser um humanismo científico global e evolucionário [...] e o conceito de progresso evolucionário deve ocupar uma posição central [...] (HUXLEY, 1946)

Para tanto, precisava da colaboração de um darwinista à altura da tarefa. E não demorou a achá-lo. Na realidade, Oxford e Cambridge já não formavam outra coisa. Convidou, então, o professor de bioquímica Joseph Needham ⁵ a participar das reuniões preparatórias, nomeando-o, em seguida, chefe do Departamento de Ciências Naturais para transformá-lo em arauto do evolucionismo.

Fora o neto, Thomas Huxley não podia ter achado melhor marqueteiro. Parecia talhado sob medida para o trabalho. Escritor prolixo, membro da *Royal Society*, da *British Academy* e condecorado pela rainha – que também não paparicava mais outra coisa – Needham tinha claramente alcançado a estatura das tapinhas nas costas e dos títulos honoríficos. Ninguém melhor, desde então, para vender gato ideológico por lebre científica. O que fez com apoio irrestrito da UNESCO (s/n-s/d).

A bem da verdade, não se firmou no posto. Ele tinha simpatias comunistas e foi acusado de colaboração com a União Soviética quando o macarthismo ⁶ tomou conta dos

⁴ Humanismo Científico Evolucionário. Noutros contextos – sempre de acordo com as necessidades da hora – o jargão globalista fala em Humanismo Científico Socialista.

⁵ Veja Joseph Needham. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Needham>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁶ Veja McCarthyism. Disponível em: < <https://en.wikipedia.org/wiki/McCarthyism>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Estados Unidos. Demitiu-se em 1948, integrando a história como baixa de primeira hora na Guerra Fria em gestação. Mas ficou o suficiente para colocar o mundo nos trilhos do evolucionismo que o clã Huxley tanto queria (HUXLEY, 1946).

O patriarca Thomas foi homem de ambição desmedida e de língua afiada. Construía ideias com entusiasmo e destruía outras sem dor. Não lhe faltava senso de humor e era craque em frases de efeito. A quem achava degradante vir do macaco, retorquia que pior ainda era nascer do barro. Enfim, tinha talento e soube transformá-lo em *commodity* para ganhar dinheiro. Ficou rico na Inglaterra e muito mais ainda na América, onde virou xodó das editoras. Fez o darwinismo sair dos círculos científicos para alcançar o grande público (DESMOND, 1999). Mas estava a uma distância astronômica de imaginar o providencial auxílio do neto. Com ele, o mercado de ideias alcançou um dinamismo inédito, porque converteu cada escola do mundo em franquia da UNESCO. Mercadinho, em síntese, virou Carrefour para reduzir jovem a clientela cativa em escala planetária.

Aluno cresce para virar professor. De peixe em peixinho, uma simples hipótese vira teoria comprovada por mera empatia. E, negando a ciência para abraçar o dogma, a prestigiosa *National Academy of Science*⁷ americana – para tomar um exemplo a esmo – já afirma sem pestanejo que não há mais controvérsia e que não é para contestar absolutamente nada (LUSKIN, 2008). Uma verdade revelada que não parece resistir, contudo, à menor verificação objetiva.

Darwin, por sinal, tinha dúvidas. A tese da mutação espontânea nunca pôde ser comprovada, e os incrédulos sempre tiveram de contentar-se com a explicação de que tais fenômenos aconteceram em tempos remotos e inacessíveis à pesquisa. Com um pequeno consolo, no entanto. Porque o século XIX acreditava na produção de provas fósseis com os avanços futuros da técnica. Mas eis que as subsequentes descobertas, demonstrando justamente todo o contrário de uma evolução gradual, concentram o surgimento da maior parte das espécies vivas em 5 míseros milhões de anos no período câmbrico (MEYER, 2013). Uma bagatela na escala geológica! E como se não bastasse, os progressos da biologia micromolecular evidenciam dramaticamente as insuficiências epistemológicas do evolucionismo, desvelando inclusive uma realidade a negá-lo sem apelo (BEHE, 2016).

A reflexão aqui aludida abriu espaço na Internet sob o título de *intelligent design*⁸, mas continua sofrendo boicote ferrenho nas universidades. Desenvolve-se nas balizas do raciocínio científico, e seus defensores merecem indubitavelmente um lugar ao lado dos grandes (EBERLIN, 2018). Mas os unescoítas a controlar a decisão educacional a censuram administrativamente e judicialmente sem piedade (HAFIZ, 2014; ADAMS, 2011). Eis que adesão ao evolucionismo exige um tremendo ato de fé. A narrativa não se

⁷ Academia Nacional de Ciência.

⁸ Veja *Intelligent Design*. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Intelligent_design_and_science>. Acesso em: 13 ago. 2018.

sustenta sem proteção política. Mas, graças à UNESCO, a ficção vive. E graças à UNESCO, a ciência morre (PYKE, 1982; UNESCO OFFICE IN BRAZIL, 2009).

O que também levou uma boa bordoadada foi a ética, porque o darwinismo reina hoje sem partilha com ideias de ancestralidade nos primatas e de atavismo comportamental simiesco a radicar a consciência humana nos instintos do chimpanzé. Deixar de olhar para Deus para espelhar-se no macaco não foi negócio do ponto de vista moral, com certeza. No entanto, é fundamentalmente o que então propôs a “ciência”. O que explica provavelmente porque a humanidade hodierna tende a funcionar como um bando de babuínos ...

REFERÊNCIAS

ADAMS, Stephen, Creationism banned from free schools, *The Telegraph*, 2011. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/education/educationnews/8526161/Creationism-banned-from-free-schools.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BEHE, Michael, *Darwin's Black Box: the Biochemical Challenge to Evolution*. New York: Free Press, 2016.

DESMOND, Adrian. *Huxley: from Devil's Disciple to Evolution's High Priest*. Helix Books, 1999.

EBERLIN, Marcos. *Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.

HAFIZ, Yasmine, Creationism banned from UK schools, HUFFPOST, 2014. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/creationism-banned-uk-schools_n_5529693>. Acesso em: 13 ago. 2018.

HUXLEY, Julian, UNESCO: its Purpose and its Philosophy, Ed: Preparatory Commission for the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 1946. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000681/068197eo.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LUSKIN, Casey, *The Facts about Intelligent Design: A Response to the National Academy of Sciences' Science, Evolution, and Creationism*, IDEA, 2008. Disponível em: <<http://www.ideacenter.org/contentmgr/showdetails.php/id/1452>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

MEYER, Stephen C, *Darwin's Doubt*, HarperOne, San Francisco, 2013.

UNESCO ARCHIVES, Conference of Allied Ministers of Education, s/n, s/d. Disponível em: <<https://atom.archives.unesco.org/conference-of-allied-ministers-of-education>>. Acesso em: 20 out. 20 out. 2018.

UNESCO OFFICE IN BRAZIL, Forum discusses evolutionism and Charles Darwin: Event in São Paulo commemorates 200 years of the British naturalist's birthday, 2009. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/brasil/about-this-office/single-view/news/forum_discusses_evolutionism_and_charles_darwin/>. Acesso em: 11 set. 2018.

VAN WYHE, John, *Darwin: The Story of the Man and His Theories of Evolution*. London: Andre Deutsch Ltd, 2008.